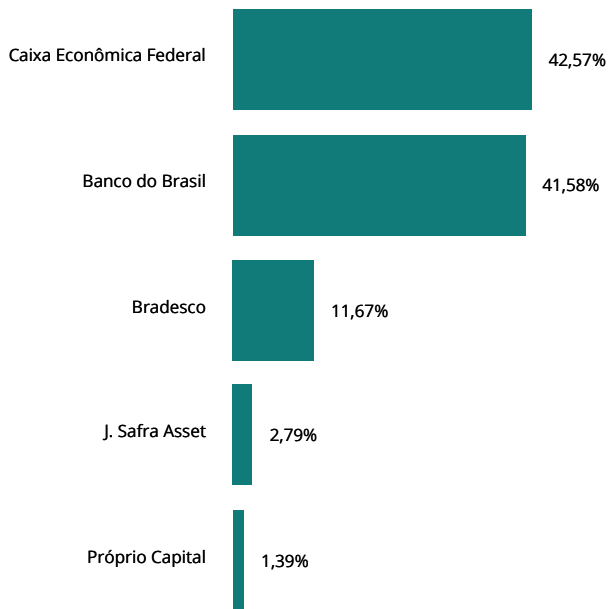


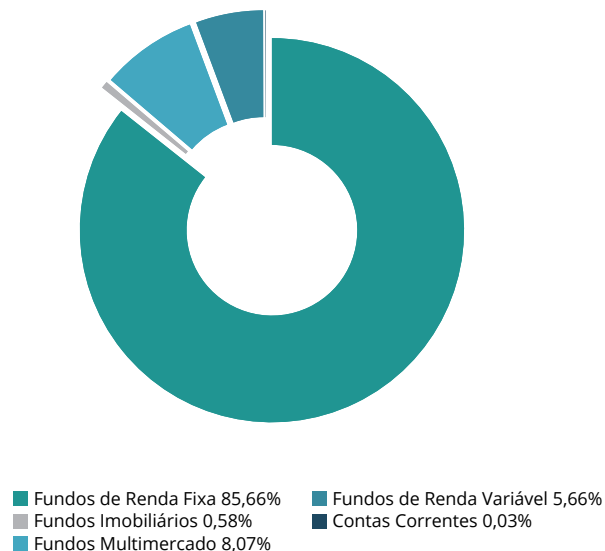
**ANGEPREV**

Os recursos do ANGEPREV são aplicados respeitando os princípios de segurança, legalidade, liquidez e eficiência. A diretoria do RPPS, assessorada pela SMI Consultoria de Investimentos, vem buscando estratégias para que as necessidades atuariais do Instituto sejam alcançadas de acordo com os prazos estabelecidos.

**DISTRIBUIÇÃO DA CARTEIRA POR INSTITUIÇÃO FINANCEIRA**



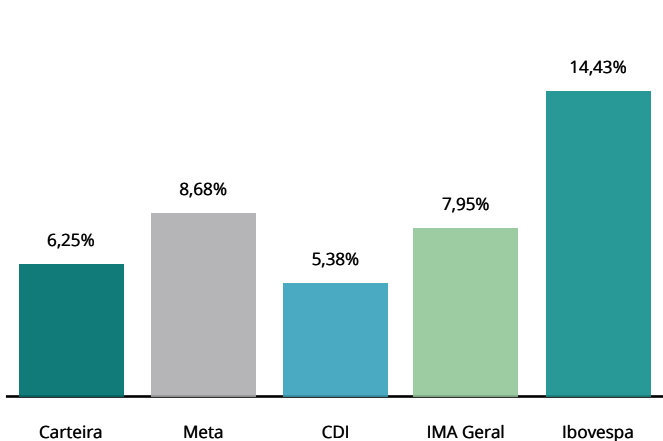
**DISTRIBUIÇÃO DA CARTEIRA POR SEGMENTO**



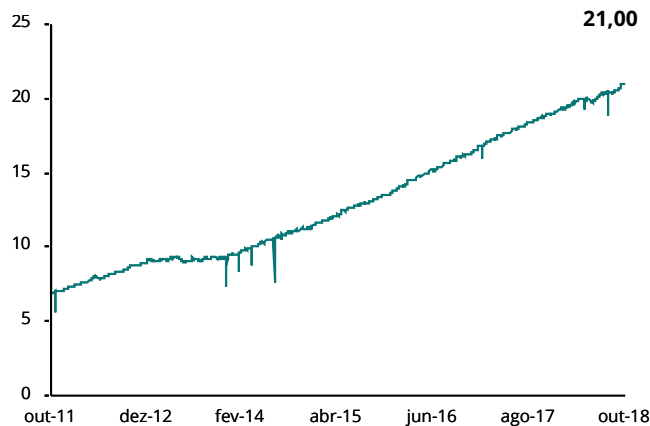
**HISTÓRICO DE RENTABILIDADE**

| COMPARATIVO                     | NO MÊS | NO ANO | EM 12 MESES |
|---------------------------------|--------|--------|-------------|
| <b>ANGEPREV</b>                 | 2,08%  | 6,25%  | 7,51%       |
| <b>META ATUARIAL INPC + 6 %</b> | 0,89%  | 8,68%  | 10,22%      |
| <b>CDI</b>                      | 0,54%  | 5,38%  | 6,55%       |
| <b>IMA GERAL</b>                | 3,47%  | 7,95%  | 8,90%       |
| <b>IBOVESPA</b>                 | 10,19% | 14,43% | 17,65%      |

**CARTEIRA X INDICADORES EM 2018**



**EVOLUÇÃO DO PATRIMÔNIO (EM R\$ MILHÕES)**



## ANGEPREV

O mês de outubro começou com a disputa para o Planalto indo para o segundo turno. No dia 07/10 ficou definido que Jair Bolsonaro (PSL) e Fernando Haddad (PT) decidiriam as eleições presidenciais no final do mês. Nessa primeira etapa, os candidatos apresentaram 46,06% e 29,25% dos votos válidos, respectivamente. Já com relação aos outros candidatos, Ciro Gomes (PDT) ficou com 12,47% dos votos, enquanto Geraldo Alckmin (PSDB) apareceu em quarto lugar com 4,76%. João Amoêdo (Novo) ficou com 2,50%, Cabo Daciolo (Patriotas) com 1,26%, Henrique Meirelles (MDB) com 1,20% e Marina Silva (Rede) com 1,00%, enquanto os demais candidatos ficaram com menos de 1%. Conforme o esperado pelo mercado, no dia 28 de outubro Jair Bolsonaro foi eleito o próximo presidente. O candidato obteve 55,7 milhões de votos, equivalente a 55,1% dos votos válidos, enquanto Fernando Haddad alcançou 47 milhões, com 44,87% dos votos válidos.

O mês terminou com o cenário político repleto de expectativas para as definições e transições do próximo governo. Até o fechamento do período foram divulgados os nomes de quatro ministros. São eles: Paulo Guedes para a Fazenda; Onyx Lorenzoni para a Casa Civil; General Augusto Heleno para a defesa; e Marcos Pontes como Ministro da Ciência e Tecnologia. Por fim, foi divulgada a fusão dos ministérios da Agricultura e do Meio Ambiente, além da criação de um superministério da Economia, que seria formado pelas pastas da Fazenda, do Planejamento e da Indústria e Comércio. De acordo com o futuro ministro da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, o objetivo do próximo governo seria a redução do número de ministérios, passando de 29 para 15.

Com relação aos índices de atividade econômica divulgados em outubro, eles mostraram uma lenta recuperação da economia. Para o mês de agosto, a produção industrial, por exemplo, mostrou variação negativa de 0,3% quando comparada com o mês imediatamente anterior. O índice veio abaixo do esperado pelo mercado que previa um crescimento de 0,2%. Já em comparação com agosto de 2017, a expansão foi de 2%. No acumulado do ano, o crescimento é de 2,5%, enquanto que em 12 meses a expansão do setor é de 3,1%. Por fim, dos ramos pesquisados, 14 dos 26 mostraram taxas negativas, com destaque para os setores de bebidas (-10,8%), coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis (-5,7%), produtos alimentícios (-1,3%) e industriais extrativas (-2,0%). Do lado positivo, os desempenhos de maior relevância foram os setores de veículos automotores, reboques e carrocerias (2,4%), produtos farmoquímicos e farmacêuticos (8,3%), equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (5,1%) e celulose, papel e produtos de papel (2,0%).

Já em relação ao comércio nacional, no mês de agosto o comércio varejista apresentou crescimento de 1,3% em comparação com o mês imediatamente anterior. O resultado veio acima da expectativa de mercado, que esperava crescimento de 0,3%. Com isso, no acumulado do ano o setor apresenta avanço de 2,6%, enquanto que em 12 meses esse avanço é de 3,3%. Já no comércio varejista ampliado que inclui, além do varejo, as atividades de veículos, motos, partes e peças e de material de construção, o volume de vendas avançou 4,2% em relação a julho de 2018, voltando a registrar crescimento após variação de -0,3%. O resultado também veio acima das expectativas de mercado, que esperava crescimento de 2,8%. Por fim, ao incluir essas atividades a expansão foi de 5,6% no acumulado do ano e de 6,4% nos últimos 12 meses.

O setor de serviços, por sua vez, avançou 1,2% frente ao mês imediatamente anterior. Em comparação com agosto de 2017, a variação foi positiva em 1,6%. No acumulado do ano, o setor apresenta retração de 0,5% e, em 12 meses, essa queda é de 0,6%. A retração observada aconteceu em três das cinco atividades investigadas. O destaque foi o crescimento de 3,2% no ramo de transportes, serviços, auxiliares aos transportes e correio. Os demais resultados positivos vieram dos ramos de serviços profissionais, administrativos e complementares (2,2%) e de outros serviços (1,0%). Por outro lado, os serviços de informação e comunicação (-0,6%) e os prestados às famílias (-0,8%) exerceram influências negativas sobre o volume de serviços do mês.

Por fim, o índice de atividade econômica do Banco Central, IBC-Br, variou 0,47% em relação ao mês anterior. Em comparação com agosto do ano passado, o aumento foi de 2,50%. O acumulado do ano ficou em 1,28% e o acumulado em 12 meses em 1,50%.

Com relação aos preços, o IGP-M, calculado pela FGV, teve alta de 0,89%, seguindo elevação de 1,25% em setembro. O índice ficou abaixo do esperado pelo mercado, que esperava uma alta de 0,91%. Já o IPCA, mostrou desaceleração em relação ao mês anterior. O índice variou 0,45% ficando 0,03 ponto percentual abaixo da taxa registrada em setembro (0,48%). O resultado esperado pelo mercado era de 0,56%. Com isso, o índice oficial de inflação fechou o acumulado do ano em 3,81%, com 4,56% em 12 meses.

Ainda sobre preços, o Copom (Comitê de Política Monetária) manteve a taxa Selic em 6,5%, conforme o esperado. No comunicado, foi avaliado que a atividade segue em recuperação gradual, mas abaixo do esperado no início do ano. Já a inflação corrente se encontra níveis apropriados, juntamente com expectativas inflacionárias ancoradas. Sobre o cenário externo, foi reiterado que o cenário global permanece desafiador, tendo como principais riscos a normalização das taxas de juros em economias avançadas e as incertezas referentes ao comércio global. De maneira geral, o Banco Central ponderou que houve melhora dos riscos, mas deixou aberta a possibilidade de subida dos juros caso ocorram pioras significativas no quadro inflacionário. Por fim, na ata da reunião a instituição anunciou que a inflação acumulada em 12

## ANGEPREV

meses deve se elevar até atingir um pico no segundo trimestre de 2019, voltando então, para a meta ao longo do resto do ano. Em suas projeções, considerando a Selic constante em 6,5% a.a., e o câmbio constante a R\$ 3,70, a inflação se situaria ao redor de 4,4% em 2018, 4,2% em 2019 e 4,1% em 2020. Com isso, mantemos a expectativa de que a Selic deva permanecer no patamar atual pelo menos até setembro de 2019.

No mercado financeiro, o Ibovespa fechou outubro com o segundo melhor mês do ano, apesar de encerrar negativo no primeiro dia pós eleições, devido a influências externas. No mês, a bolsa fechou com 87.423,55 pontos, alta de 10,19%. A expectativa de vitória de Bolsonaro trouxe um viés positivo para o mês devido à suas declarações de cunho liberal e reformista. Apesar disso, o mês também foi marcado por instabilidade vinda dos mercados internacionais. O índice americano S&P 500 teve a maior queda desde setembro de 2011, e o aperto monetário nas economias avançadas junto com as tensões comerciais colaboraram para essa instabilidade. O dólar fechou o mês com queda de 7,79%, cotado a R\$ 3,72, influenciado, principalmente, pelas expectativas favoráveis à vitória de Jair Bolsonaro.

No cenário Internacional, o mês foi marcado por novas tensões políticas e comerciais. A morte do jornalista saudita Jamal Khashoggi aumentou as tensões entre os Estados Unidos, a Arábia Saudita e a Turquia. O jornalista, que trabalhava para o jornal americano The Washington Post e era um saudita crítico ao regime de seu país, foi morto no consulado da Arábia Saudita, na Turquia. Os países envolvidos começaram, então, uma série de investigações e acusações, mas até o final do mês o caso ainda não estava esclarecido. Por outro lado, o Canadá aceitou participar de novo acordo de livre comércio da América do Norte com os Estados Unidos e o México. O novo acordo será chamado de EUA-México-Canadá (USMCA) e irá substituir o Nafta. Apesar de evitar tarifas, ele dificultará que montadoras globais construam carros a preços reduzidos no México e tem como objetivo a criação de mais empregos nos Estados Unidos e no Canadá.

Ainda sobre os Estados Unidos, o PIB do país para o terceiro trimestre cresceu 3,5% em comparação com o mesmo período do ano passado. O resultado veio acima da expectativa de mercado (3,3%), mas abaixo da expansão registrada no segundo trimestre (4,2%). O principal destaque foi o consumo das famílias que apresentou alta de 4% no trimestre (expectativa era de 3,3%). O consumo do governo também apresentou crescimento (3,3%) refletindo o esforço do governo na ampliação de gastos. Por outro lado, o investimento fixo apresentou recuo de 0,3% após avançar 6,4% no trimestre anterior. Já o índice de preços (PCE), utilizado pelo Banco Central Americano (FED) para acompanhar a evolução dos preços, passou de 2% no segundo trimestre para 1,6% no terceiro trimestre ficando abaixo da meta que é de 2%. Por fim, é esperado que os incentivos fiscais oferecidos pelo governo mantenham o ritmo de crescimento nos próximos meses, gerando pressão sobre os preços e dando condições de aperto monetário pelo FED que, por sua vez, deve elevar os juros mais uma vez em dezembro deste ano.

Na região europeia, Banco Central Europeu (BCE) manteve a política monetária inalterada, de acordo com o esperado. Assim, a taxa de juros principal segue em 0%, enquanto que a taxa de depósito continua negativa em 0,40%. A autoridade monetária reforçou a expectativa de que os juros permaneçam no nível atual até, pelo menos, meados de 2019, e destacou que o seu programa de compra de ativos será finalizado em dezembro. O BCE se mostrou confiante sobre o cenário de crescimento da região, destacando que a desaceleração recente aconteceu por fatores pontuais. Ainda no cenário europeu, no final do mês a Comissão Europeia rejeitou a proposta de orçamento da Itália para 2019 alegando que o orçamento infringe as regras da União Europeia (UE) sobre gastos públicos. Foi pedido que Roma apresentasse um novo orçamento dentro de três semanas, sob pena de enfrentar medidas disciplinares. Em carta enviada à Comissão, a Itália reconheceu que o orçamento preliminar infringe as regras da UE, mas disse que não mudará a sua decisão. O ocorrido, juntamente com os desentendimentos relativos ao Brexit, contribuiu para uma maior instabilidade do cenário europeu. Sobre este último, a Grã-Bretanha deve deixar a União Europeia em 29 de março, mas as negociações sobre a separação se complicaram por divergências, particularmente sobre a fronteira futura entre a Irlanda e a Irlanda do Norte. Por fim, o Produto Interno Bruto (PIB) da zona do euro cresceu 0,2% no terceiro trimestre em comparação com o trimestre imediatamente anterior. O resultado foi metade do apresentado no segundo trimestre, e representa o desempenho mais fraco desde 2013, quando a zona do euro estava com crise de endividamento. O resultado pode ser explicado pelos impactos da desaceleração chinesa (mostrada a seguir), e pela turbulência na Itália que, por sinal, não apresentou crescimento trimestral do PIB.

Por fim, o PIB da China apresentou crescimento de 6,5% no terceiro trimestre em comparação com mesmo trimestre do ano passado. O resultado veio abaixo da expectativa de mercado (6,6%) e do crescimento registrado no trimestre anterior (6,7%). O principal destaque da desaceleração foi o setor industrial, que apresentou crescimento de 5,3% no 3T18 frente a um crescimento de 6% no trimestre anterior. Os dados evidenciam a desaceleração da economia chinesa, causada, principalmente, pela intensificação da guerra comercial com os Estados Unidos e pela estagnação dos investimentos.